

O CONHECIMENTO GEOGRÁFICO NA GRÉCIA CLÁSSICA: LEITURAS DE HERÓDOTO, O “PAI DA GEOGRAFIA”

Allison Luna Matias*

Heródoto de Halicarnassos deixa claro seu objetivo no início de sua obra, que nada mais é que: a construção da memória do passado (*mneme*) em contraposição ao esquecimento (*amnésia*) para que sempre que possível se rememore (*anamnesis*) os acontecimentos do conflito envolvendo gregos e persas (LIMA, 2006:1-2).

Os resultados das investigações de Heródotos de Halicarnassos são apresentados aqui, para que a memória dos acontecimentos não se apague entre os homens com o passar do tempo, e para que os feitos maravilhosos e admiráveis dos helenos e dos bárbaros não deixem de ser lembrados, inclusive as razões pelas quais eles guerrearam (HERÓDOTOS, 1985: 20)

Mas, diferentemente do que o leitor espera, o “pai da história” sente a necessidade de viajar por várias partes do “mundo conhecido” para ouvir o discurso (Logos) de cada povo sobre as causas do mesmo e que terminara uma década antes dele começar a escrever a sua História. Partindo de tal pressuposto, em seu exercício de tentar confrontar os discursos para o estabelecimento das causas mais próximas e distantes das Guerras Médicas. Heródoto elabora um conhecimento geográfico dos locais pesquisados, ou seja, ele descreve, cataloga os aspectos geográficos, estabelece uma relação entre homem e meio e ainda realiza aquilo que entendemos ser um dos parâmetros utilizados para denominá-lo de “o pai da Geografia”. Enfim, o exercício de tirar suas próprias conclusões, o que o faz superar seus predecessores e muitos de seus contemporâneos.

“(…) na Antiguidade (…) a Geografia era utilizada apenas para desenhar roteiros a serem percorridos, para indicar os recursos serem explorados, para analisar as relações meteorológicas, estando profundamente identificada com a cartografia e com a Astronomia. Assim os grandes geógrafos eram sobretudo cartógrafos e /ou astrônomos. Uns poucos estudiosos como Heródoto e Estrabão, é que se aventuraram a tirar conclusões além das descrições que faziam” (ANDRADE, 1992:12)

Um dos aspectos que poderia dificultar a aceitação e a compreensão que Heródoto marca o início do conhecimento geográfico de forma racional e diferenciado reside na

* Graduando em História pela Universidade Federal de Campina Grande – UFCG.

pressuposição de que o termo “geografia” não aparece em sua obra e mesmo que aparecesse não teria o mesmo significado que tem a terminologia atual. Mas, o próprio termo que serve de título para a narrativa de Heródoto (*História*) tinha sentido diferente do nosso (“científico”). Mesmo se ele tivesse utilizado o termo “geografia”, este também teria um sentido diferente, já que geografia etimologicamente significa: “descrição da terra” e não a forma que concebemos esta ciência hoje.

Talvez, um pressuposto fundamental para entendermos o que era a Geografia e a História no contexto clássico é o entendimento que estes eram apenas gêneros literários produzidos por cidadãos, gerais, políticos e aristocratas para ocupar o ócio. Outro fator que deve ser ressaltado aqui é a percepção de que os gregos já tinham uma noção não só da geografia enquanto conhecimento de mundo, mas também do termo, uma vez que foram eles que criaram o termo:

Foram eles [os gregos] que criaram a palavra Geografia, em *geo* significa Terra e *graphia*, descrever. Concebiam uma Geografia em que cada ponto era considerado em relação ao mundo habitado e denominavam de corografia as descrições de diferenças e contrastes da Terra (LENCION, 1999: 35)

No contexto por nós estudado até o próprio termo História só aparece uma vez na obra de Heródoto e com sentido diferente da ciência histórica, pois história na Grécia Clássica significava “pesquisa, informação, investigação” e *histôr* (historiador) significava “testemunha”, e na obra de Tucídides (seu “sucessor”) não aparece nenhuma vez menção a palavra História (GAGNEBIN, 1997:16). O que não quer dizer que sua obra não seja histórica.

Mas, o aspecto mais relevante para que se ressalte o entendimento que Heródoto não é limitado apenas à história, é a multiplicidade de objetos de estudo em sua obra, mesmo que seu objetivo inicial fosse relatar a guerra.

Seu objeto de estudo é na verdade tudo o que ele mesmo considera digno de menção: da explicação do regime das cheias do Nilo (Euterpe) até a reprodução dos peixes (Euterpe) passando pelas histórias de Giges e Candaules (Clio) entre outros relatos, ou seja, esta profusão de coisas, fenômenos e acontecimentos está presente na obra de Heródoto, o que nos remete a uma idéia de construção de um discurso ou conhecimento multifacetado que nada tem a ver com a nossa concepção de disciplinas estanques com objetos e objetivos definidos e que só recentemente buscam estabelecer uma diálogo por meio da interdisciplinaridade.

Ainda na obra do “pai da geografia e da história” um aspecto que o auxilia na construção de sua narrativa é a questão da escolha das fontes comprobatórias de seu discurso (*logos*), pois é a partir destes que Heródoto se divorcia apenas do relato oral (como faziam os logógrafos) e passa a utilizar o *ver* e não só o ouvir como fonte e prova do que relata.

Além disso, o *ver* remete a idéia de estar que conseqüentemente nos leva a percepção de comprovação, ou seja, o estar presente (mesmo que *a posteriori* dos eventos relatados), o descrever e o ver o que pesquisa aparece como uma tentativa do autor ara mostrar ao leitor / ouvinte ⁶ que seu relato é verdadeiro, haja vista a condição de prova daquilo que viu. O fator que reforça ainda mais a idéia é a suposição que tanto Heródoto quanto Tucídides ou até mesmo Políbio, acreditavam mais no que viam do que no que ouviam de outrem, reside no fato de que estes sempre diferenciavam o que viam daquilo que ouviam de outrem, em suas respectivas obras.

A narrativa de Heródoto enquanto discurso geográfico segue três aspectos que possibilitam a construção de sua pesquisa: *a observação, a descrição e a regionalização*. Primeiramente a observação constitui o elemento chave de sua obra para mostrar ao leitor /ouvinte que sua narrativa é um relato a ser considerado. Ao afirmar que ele mesmo viu, Heródoto mostra que aquilo que fala por mais “incrível” que possa parecer é verdadeiro.

A descrição daquilo que ouve, e, sobretudo, daquilo que vê, se apresenta como uma forma que o autor encontra de registrar as tradições, costumes, e sobretudo os aspectos geográficos – já que sua obra é marcada por um determinismo bastante acentuado, como veremos adiante - para a construção da memória do passado, pois no relato das Guerras Médicas, o autor sente a necessidade de não deixar nenhum aspecto digno de menção fora de sua narrativa, pois servem de preparação para o leitor para o relato da guerra que se registra nos últimos cinco livros.

Mas o fator que o diferencia dos seus predecessores, contemporâneos e até mesmo de seus sucessores como já dissemos é o exercício de tirar conclusões além das descrições como, por exemplo, a causa da deposição do húmus nas margens do Nilo (BROEK, 1972: 20). E a “regionalização” que nos apreça, sobretudo, nos quatro primeiros livros, pois o “pai da Geografia” ao buscar as causas do conflito em várias “regiões” que de certa forma estiveram envolvidas no conflito utiliza-se do recorte espacial (no sentido territorial do termo) para diferenciar os discursos (*logos*) dos povos com que manteve contato, os climas dos vários locais que visita e os costumes de cada povo, pois: “*com Heródoto [a Geografia] se preocupa com a descrição dos lugares, numa perspectiva regional*” (MORAES, 1998:32).

No entanto, a “perspectiva regional” em Heródoto não deve ser entendida como uma concepção do autor do conceito de região, pois primeiramente o termo é latino (*region*), ou seja, só surge com os romanos e com um conceito diferente do que se apresenta na ciência geográfica. Qualquer associação do conceito região a geografia de Heródoto deve ser feita com ressalvas, para evitar um possível anacronismo.

A narrativa de Heródoto não está apenas enxameada de descrições geográficas, histórias, digressões, pedagógicas, anedotas, mitos, acontecimentos trágicos, há também na obra alguns aspectos implícitos na narrativa como: *o exercício da alteridade, a concepção de mundo, as várias versões dos fenômenos, a noção de “território” e “escala” intuída, o “determinismo”, a posição que assume e a causalidade.*

Primeiramente, a percepção do outro na narrativa de Heródoto, pode ser entendida como um misto de admiração, encantamento com um helenocentrismo. Pois, o autor ao mesmo tempo em que admira as culturas dos outros povos - fato que o faz ser acusado de *barbarophilia*, isto é, gostar demais dos bárbaros - também em um ato de estranhamento os compara com os costumes gregos com os dos outros povos, levando o leitor sempre a interpretar o costume grego como o costume padrão.

Entre os egípcios as mulheres compram e vendem, enquanto os homens ficam em casa e tecem. Em toda parte se tece levando a trama de baixo para cima, mas os egípcios levam a trama de cima para baixo. Os homens carregam os fardos em suas cabeças, mas as mulheres o carregam em seus ombros. As mulheres urinam em pé, e os homens acorados. Eles satisfazem as suas necessidades naturais dentro de casa, mas comem do lado de fora, nas ruas, alegando que as necessidades vergonhosas do corpo devem ser feitas secretamente, enquanto as não vergonhosas devem ser satisfeitas abertamente. Nenhuma mulher é consagrada ao serviço de qualquer divindade, seja esta masculina ou feminina, os homens são sacerdotes de todas as divindades. Os filhos não são compelidos contra a sua vontade a sustentar seus pais, mas as filhas devem fazê-lo, mesmo sem querer (HERÓDOTOS, 1985:99-100)

Enquanto concepção de mundo percebe-se em Heródoto uma narrativa voltada para estabelecer uma descrição do *oekhumeno* (lugares habitados) e uma concepção de Terra não esférica.

Heródoto realizou viagens pela Babilônia, Egito, Fenícia, pelas costas do Mar negro, Pérsia e pelo Norte da África e considerou a Índia a última porção do mundo habitada à leste. Suas observações resultam em correções de mapas até então produzidos. De sua obra, História, que na época significava investigação, composta de nove livros, interessam particularmente à Geografia os volumes: Clio, Euterpe, Tália, Melpômene – nomes inspirados na mitologia grega. Sua concepção de mundo não era

esférica e dividia a Terra em quatro regiões: Europa, Ásia, Líbia e Delta do Nilo. No livro *Melpômene*, denomina a floresta da Cítia, coberta inteiramente de árvores de toda a espécie de Hiléia (LENCIONI, 1999: 38-39)

Além disso, Heródoto ainda apresenta várias versões de um mesmo fato ou fenômeno como forma de evitar que qualquer erro não lhe seja atribuído futuramente, mas também não se furta ao direito de dar sua opinião sobre alguns fenômenos como, por exemplo, a causa da cheia do rio Nilo em que confronta a versão dos ventos Etésios, a hipótese do Oceanos e a tese da fusão das neves na Líbia, teorias nas quais não acredita de forma alguma e apresenta sua versão racional em seguida.

Mas uma exposição mais longa mostrarei como isso ocorre. A passagem do sol pela Líbia superior tem as seguintes consequências: sendo o ar sempre sereno naquelas regiões e o sol mais quente, sem que lá jamais soprem ventos frescos, o sol em seu curso exerce a ação que lhe é peculiar no verão quando chega ao meio do céu: ele atrai para si a água, depois eleva até as regiões superiores onde os ventos a envolvem e dispersam sob a forma de vapor; os ventos que sopram daquela região – o Notos e Lips são os mais propícios de toda às chuvas. Mas me parece que o sol não restitui ao Nilo toda a água que lhe toma anualmente, guardando uma parte dela para si mesmo. Quando o inverno se suaviza o sol retorna o meio do céu, e desde então ele atrai para si todas as águas dos rios igualmente; até então esse rios estão cheios pela água das chuvas, pois eles atravessam regiões onde chove e sulcadas por cursos d'água; mas o nível de suas águas baixas no verão, por falta de chuva e porque suas águas são atraídas pelo sol para si. Mas o Nilo, privado de chuvas e sendo o único rio que no inverno tem suas águas atraídas pelo sol para si, nessa época tem o nível de suas águas mais baixo que no verão, pois no verão todas as outras águas, e não somente as suas, são atraídas pelo sol, é o único a sofrer. Por isso, considero o sol a causa única desse fenômeno (HERÓDOTOS, 1985: 106)

Ainda na obra do geógrafo de Halicarnassos percebe-se uma noção intuída de “escala” e de “território”, como aparece nas seguintes passagens:

A viagem de Heliópolis a Tebas dura nove dias pelo rio, e a distância entre os dois pontos é de oitocentos e setenta estádios e um escoínos. Portanto, as dimensões totais do Egito em estádios são: três mil e seiscentos estádios pela orla marítima, como demonstrei acima; seis mil e vinte estádios pelo interior, desde o mar até as terras de Tebas, como digo agora, e mil e oitocentos estádios entre Tebas e a cidade chamada Elefantina (HERÓDOTOS, 1985: 95)

Esta noção de “escala” na narrativa se ali a uma noção de “território” enquanto lugar em que indivíduos de uma sociedade habitam:

Rejeitamos assim a opinião dos iônios, e de nossa parte dizemos o seguinte a esse respeito: o Egito é todo o território habitado pelos egípcios, da mesma forma que a Cilícia e a Assíria são os territórios habitados respectivamente pelos cilícios e assírios, e não conhecemos outra linha fronteira (no sentido correto do expresso) entre a Ásia e a Líbia a não ser as fronteiras dos egípcios. (HERÓDOTOS, 1985: 94)

Um aspecto muito presente na *História* e que é pouco estudado é a questão do “determinismo”, que mesmo presente em várias passagens de sua obra fora percebida apenas por poucos de seus comentadores como ANDRADE (1992) e SODRÉ (1976). Entre os principais aspectos deterministas em sua obra separamos algumas passagens, sobretudo do livro II: *Euterpe*, que além de ser uma excelente descrição do Egito, também é um dos livros em que seu talento como geógrafo se revela acentuadamente. Como uma das primeiras percepções do “determinismo” em Heródoto é percebida ao afirmar que:

Mas vou alongar-me em minhas observações a respeito do Egito, pois em nenhum lugar a tantas maravilhas como lá, e em todas as terras restantes não há obras de inexprimível grandeza para ser vistas; por isso falarei mais sobre ele. Da mesma forma que o Egito tem um clima peculiar e seu rio é diferente por sua natureza de todos os outros rios, todos os seus costumes e instituições são diferentes dos costumes e instituições dos outros homens (HERÓDOTOS, 1985: 99)

O autor ainda condiciona cor da tez, a qualidade dos cabelos e até o sêmen dos negros etíopes ao clima, como aparece em alguns trechos como este do Livro II (*Euterpe*): “os homens daquelas regiões são negros por causa do calor” (HERÓDOTOS, 1985:95).

No livro III (*Tália*) ao descrever os indianos e comparando com os etíopes, ele condiciona o sêmen a cor da pele dos indianos:

Todos esses indianos dos quais falei copulam ostensivamente, como o gado, e a tez de todos eles é da mesma cor, análoga à dos etíopes. O sêmen por eles ejaculado quando se unem às mulheres também não é branco à semelhança do de todos os homens, e sim negro como a sua tez (acontece o mesmo com o sêmen dos etíopes) (HERÓDOTOS, 1985: 182)

No livro VII (*Poliímnia*) Heródoto ao diferenciar os etíopes a partir dos tipos de cabelos estabelece uma separação de cunho determinista na apreciação dos etíopes da Líbia: “os etíopes orientais tem cabelos lisos e os etíopes da Líbia são entre todos os homens os de cabelos mais crespos” (HERÓDOTOS, 1985:361) No livro IX (*Caliope*), ao relatar o discurso de Ciro, aparece uma determinação entre o local de nascimento e a coragem dos homens, não se sabe se fora esse mesmo o discurso de Ciro ou concepção do próprio

Heródoto, de uma forma ou de outra o discurso de Ciro aparece desta forma: “(...) pois nos lugares onde é fácil viver os homens geralmente nascem predispostos à vida fácil; não nascem da mesma terras frutos maravilhosos e homens valentes pra a guerra”(HERÓDOTOS, 1985: 489).

Mas apesar de sua concepção formada por um tipo de “determinismo” o autor não deixa de admirar o outro, o que o diferencia do determinismo moderno, como o faz com os etíopes que para ele são: “homens de elevada estatura e muito belos e de uma longevidade excepcional” (HERÓDOTOS, 1985:186). Assim, a suposição de que ele possa ser um dos precursores do determinismo é válido, mas de forma alguma deve-se comparar o “determinismo” de Heródoto com o determinismo geográfico moderno, pois o este último é decorrente do materialismo mecanicista inglês, enquanto o primeiro entre outros fatores deve-se, sobretudo, a visão que os gregos tinham de si .

Ainda dois aspectos da obra merecem ser ressaltados: um primeiro referente a posição do narrador e a segunda a questão da causalidade. Primeiramente Heródoto tenta manter-se como um mediador entre os muitos discursos dos vários povos acerca da guerra, ou seja, ele tenta uma posição privilegiada de manter no centro do diálogo, busca ser “neutro”, mas não consegue, pois escreve em grego, para os gregos e ainda compara os gregos com os outros povos, que é entendido como um jogo de espelhos, uma reafirmação do “eu” através da descrição e da percepção do outro enquanto o inverso simétrico de si.

O fator político é outro que fundamenta a obra deste autor, assim a causa da guerra para Heródoto não reside no rapto de Helena, Medéia ou qualquer outra mulher, a guerra nada mais é que um conflito entre gregos e persas, sendo um assunto de “geopolítica” ou de política externa entre estes dois povos, mas na obra a questão da política não aparece apenas como pano de fundo da narrativa, ela é antes de tudo o fator que influencia a vitória dos gregos sobre os persas, pois para Heródoto, os gregos (atenienses) não vencem porque são melhores, eles vencem porque são livres agem de acordo com uma lei igual para todos, e não a lei como expressão da vontade de um apenas, como é o caso dos persas, que obedecem ao chicote do déspota. Não foi à toa que Yves Lacoste escolheu o nome Heródoto (*Hérodote* em francês) para a revista de geopolítica que fundou em 1976.

Após a declamação de sua *História* em praça pública, vários foram os comentários acerca da obra de Heródoto. Assim, na Antiguidade o nome de Heródoto não fora considerado nem digno de receber o título de historiador ou geógrafo, pois os historiadores preferiam o método crítico de Tucídides, excetuando-se Cícero que fora o primeiro a denominá-lo como “o pai da História”. Então, fora só a partir das Grandes Navegações que o nome de Heródoto

passa a ser reabilitado, por que ao entrar em contato com *o outro*, os europeus aproveitam a experiência da alteridade de Heródoto para estabelecer relações na colonização do Novo Mundo.

Mas é na contemporaneidade que seu nome se consolida de vez enquanto grande autor e pai de inúmeras ciências como: a Etnografia, a Etnologia, a Antropologia e da História. No tocante a Geografia os primeiros indícios de seu reconhecimento aparece

Com Emmanuel de Martonne:

O primeiro geógrafo verdadeiramente consciente é Heródoto, isto é, o primeiro historiador que alarga o campo das crônicas locais e que o estudo duma grande guerra põe em presença de países tão longínquos como diferentes. Conhecem-se as suas viagens ao Egito, à Trácia e até ao Helesponto, Fenícia e até a Babilônia. Ele representa a tendência descritiva da geografia, aquilo que chamamos de geografia regional (MARTONNE, 1953: 2)

Já para George Tatham em Heródoto prevaleceu uma: *“matéria valiosa de natureza geográfica em sua História”* (TATHAM, 1960: 551). Aroldo de Azevedo acredita que Heródoto foi a fonte que: *“inspirou Alexander von Humboldt, decorridos mais de 2200 anos, ao escolher o nome pela qual designou a floresta Amazônica”* (AZEVEDO, 1965:111)

Em sua *Iniciação ao Estudo da Geografia* (1972), Jan. O. M. Broek considera que: *“Heródoto (484-425 a.C) não foi apenas “o pai da História”, mas também da Geografia, porque sempre colocou os acontecimentos históricos dentro de seu contexto geográfico”* (BROEK, 1972:20)

O geógrafo e historiador Manuel Correia de Andrade considera Heródoto como: *“um precursor do determinismo geográfico”* (ANDRADE: 1992:24). O que não deixa de ser verdade, mas ele não pode ser considerado o único, pois o pensamento grego é de um “determinismo” bem acentuado que nada tem a ver com o determinismo moderno.

Baseada no importante geógrafo francês Paul Claval, Sandra Lencioni afirma a importância do nome de Heródoto para a ciência geográfica ao mostrar que seu nome é título da importante revista francesa de Geografia e Geopolítica intitulada *Hérodote* fundada por Yves Lacoste em 1977. Assim, o título do periódico exprime a idéia de que a geografia Moderna está inserida na tradição política e estratégica que remonta ao séc. V a.Cépoca em que Heródoto escreveu sua História (LENCIONI, 1999: 39).

A partir destas discussões acerca da narrativa de Heródoto, podemos afirmar baseado em seus comentadores e em sua própria obra que ele marca realmente o início não só da

História, mas também da Geografia enquanto conhecimento racional e sistematizado, que se contrapõe a geografia imaginativa dos logógrafos. “Portanto, Heródoto pode ser considerado como o “pai da Geografia” da mesma forma que é considerado como: “pai da História”, “pai da Antropologia”, , sem que tente inutilmente compartimentar e distinguir vários “Heródotos”, quando se sabe que todos os “Heródotos” são na verdade um só pesquisador que se esforça para entender o fator que possibilita a convivência e o conflito: a diferença (GAGNEBIN,1997:23).

BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, Manuel Correia de. **Geografia, Ciência da Sociedade:** Uma introdução à análise do pensamento geográfico. São Paulo: Atlas, 1992.
- AZEVEDO, Aroldo. **O mundo Antigo:** Expansão geográfica e evolução histórica. São Paulo: Buriti, 1965.
- BROEK, Jan.o.m. **Iniciação ao Estudo da Geografia.** Trad. Waltensir Dutra. 2.ed. Rio de Janeiro. 1972.
- GAGNEBIN, Jean Marie. O Início da história e as lágrimas de Tucídides. In: **Sete aulas sobre linguagem, memória e história.** Rio de Janeiro: Imago, 1997. pp. 15 -37.
- HERÓDOTOS, **História.** Int e Trad de Márcio Gama Kury, Brasília: Editora UNB, 1985.
- LENCIONI, Sandra. **Região e Geografia.** São Paulo. Edusp, 1999.
- LIMA, Marinalva Vilar de. **Memória e tradição oral na Grécia Clássica:** Leituras de Heródoto. Cuarto Coloquio Internacional de Filologia Grega: “Lenaguaje, Discurso y Civilización”. De Grécia a la Modernidade. La Plata, Argentina, 2006.
- MARTONNE, Emmanuel de. **Panorama da Geografia.** Lisboa: Editor Cosmos, 1953.
- MORAES, Antonio Carlos Robert de. **Geografia:** Pequena história crítica. 16. ed. São Paulo: Hucitec,1998.
- MOREIRA, Ruy. **O Que é Geografia.** 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- SODRÉ, Nelson Werneck. **Introdução à Geografia:** Geografia e Ideologia. 2.ed.Petrópolis - RJ: Vozes, 1976.
- TATHAM, George. **A geografia no século XIX.** In: Boletim de Geografia. Rio de Janeiro: IBGE, n. 157, 1960. pp. 551-578.